

Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica

MICHEL BURAWOY

São Paulo: Alameda, 2014, 348p.

Paula Marcelino*

A qualidade de boa parte do que se produz sob o título de pesquisa científica em Ciências Sociais é bastante questionável. E essa me parece uma assertiva democrática, pois atinge as mais variadas correntes teóricas e orientações políticas dos pesquisadores. Entre os marxistas, não é diferente: abundam estudos de caso descritivos e enfadonhos, muitos dos quais abrem mão, a princípio, de apresentar uma tese nova. Se considerarmos essa uma ambição demasiada para determinados tipos de textos, ainda assim nos deparamos com muita frequência com trabalhos resultantes de pesquisas de campo com procedimentos duvidosos de coleta de dados, que nem sequer discutem com as teses presentes na bibliografia ou ensaiam arbitrar entre elas. Isso do lado dos que se propõem a fazer uma pesquisa de campo. De outro, há um conjunto de estudos em que predomina o ensaísmo, sem preocupação com dados empíricos e atados a conceitos nem sempre bem explicados, dentre os quais, frequentemente, estão os de “emancipação” e “alienação”. Em comum, muitos desses estudos ainda carregam em normativismo: “o que *devem* fazer os trabalhadores, os partidos, os sindicatos, os movimentos sociais”.

O livro a que nós, leitores marxistas, temos acesso em língua portuguesa com a publicação de *Marxismo sociológico*, de Michel Burawoy, pode nos ajudar sobremaneira na superação dessa imaturidade científica e, portanto, na construção de

* Professora do Departamento de Sociologia da USP. Email: prpmarcelino@gmail.com.

instrumentos realmente precisos para a luta política. Além de uma sólida formação teórica, uma pesquisa séria demanda domínio de método e de procedimentos de pesquisa; a intuição deve exercer um papel, mas secundário. Essas foram as orientações gerais que guiaram as etnografias (relatos sobre o mundo do ponto de vista das observações participantes – p.45) e o aperfeiçoamento da ciência (as explicações demonstráveis e generalizáveis dos fenômenos empíricos – p.46) de Burawoy por quatro décadas em fábricas e minas de quatro países: a) Estados Unidos, país no qual fez uma revisita etnográfica; b) Zâmbia, onde estudou raça e classe; c) Hungria e d) Rússia. Nesses dois últimos, seu interesse era analisar como se davam os processos de reprodução da classe trabalhadora no socialismo burocrático de Estado, tal como ele denomina os regimes dos dois países. Esses estudos ocupam três capítulos do livro. Além deles, que dificilmente poderiam ser chamados simplesmente de “estudos de caso”, como veremos adiante, Burawoy também tem um quarto capítulo em que compara os escritos de Leon Trotsky e Theda Skocpol sobre a Revolução Russa. Sua conclusão nesse capítulo é que os métodos de pesquisa e os pressupostos teóricos de cada um levaram a duas conclusões distintas daquele processo, sendo a de Trotsky mais confiável e completa que aquela de Skocpol.

Burawoy criou um conceito que sistematiza sua inovação metodológica: o estudo de caso ampliado. Através de etnografias realizadas por longo período de tempo como trabalhador das empresas, o autor analisou os microfundamentos de macroprocessos, assim como os macrofundamentos dos microprocessos. Na sua avaliação, o marxismo evita o erro, no mais das vezes comum da etnografia, de ser excessivamente empirista e relativista; e a etnografia pode diminuir a tendência do marxismo a ficar nas “nuvens”, ou seja, sua tendência ensaística. Burawoy descende da escola sociológica de Manchester, e este livro é escrito com o espírito de crítica à Escola de Chicago, que imperou como a “forma correta de se fazer sociologia” do final dos anos 1940 até o início dos anos 1980 e cuja característica fundamental nesse período era valorizar o quantitativismo, a neutralidade e o empirismo.

Para que tenhamos mais claro como esses preceitos são mobilizados, vejamos o exemplo do estudo de caso ampliado sobre raça e classe na República da Zâmbia, na minha opinião, o capítulo forte do livro. A Zâmbia, um enclave de produção de minérios, deixou de ser colônia inglesa em 1964. Assim como diversos países da África pós-colonial, esse país também introduziu uma política de Estado de internalização e nacionalização da força de trabalho. Lá, esse processo ficou conhecido como *zambianização*. O objetivo era desmontar a dominação dos brancos sobre os negros, herança do período colonial.

Pois bem, empregado na unidade de pesquisa e pessoal da Agência de Serviços da Indústria de Cobre, uma empresa inglesa, Burawoy pôde perceber que a gerência branca desenvolveu dois tipos de manobras para satisfazer as metas do governo para os processos de zambianização (ou seja, de aumento do número de trabalhadores negros empregados em postos de comando) e, ainda sim, manter sua situação de

privilégio em relação a eles: 1) o dismantelamento e a retirada do poder dos antigos departamentos de gerência e a submissão desses departamentos, zambianizados e já desidratados, a um outro, dominado, claro, por antigos gerentes brancos; e 2) o acobertamento da zambianização, que se passava da seguinte forma: como os capitães de minas, o mais alto nível de supervisão nos subsolos da produção do cobre, foram alçados para outros cargos mais altos, muitas das suas antigas atribuições, dos seus poderes e privilégios permaneceram com eles. O resultado foi que os novos capitães negros ficaram destituídos de autoridade e subordinados, na prática, àqueles que deveriam ter substituído. Mesmo com algumas consequências disfuncionais para a empresa – o excesso de rigor dos novos gerentes negros em relação aos subordinados como reação à pouca legitimidade que tinham e os conflitos decorrentes desse comportamento –, essas manobras para reproduzir as barreiras raciais permaneciam. Então, Burawoy se perguntou – e, nesse momento, se afastou das etnografias tradicionais, do estudo de caso localizado e sem intenções mais ambiciosas de poder obter generalizações – quais seriam as forças por trás dessa reprodução. O que fazia o governo comandado por negros nacionalistas ignorar, oficialmente, a permanência dessas barreiras raciais? E a resposta foi:

A partir do microcosmos da zambianização, eu “ampliei” o foco para as forças de classe que mantinham não apenas a velha ordem racial, mas também o subdesenvolvimento do país como um todo. Isso significava que os obstáculos ao desenvolvimento emergiam não apenas da dependência do país frente ao cobre em uma economia mundial controlada pelos países de capitalismo avançado, mas também da reprodução das relações de classe herdadas do sistema colonial. Uma “burguesia nacional” africana emergente possuía interesse de classe numa ordem racial que inibia a transformação econômica. (p.53)

A conclusão não era óbvia, como podem dizer alguns. E provar essa tese na prática, demonstrar como essa estrutura se produz no cotidiano, não é tarefa que se vê feita pela pesquisa científica (marxista, inclusive) facilmente.

A briga particular e principal de Burawoy neste livro – todos temos as nossas na boa prática científica e filosófica – é contra a ciência positiva. A ela, que tem seus méritos segundo nosso autor, ele contrapõe a ciência reflexiva, aquela que parte do diálogo entre o observador e os participantes e procede por sucessivas ampliações: dos processos locais para os extralocais e da teoria consigo mesma – o concreto pensado e repensado. O objetivo é, dentro da boa tradição marxista, “extrair o universal do particular, mover-se do ‘micro’ para o ‘macro’, conectar o presente ao passado e antecipar o futuro” (p.43).

Esta resenha não faz jus à riqueza de análises e discussões que o livro de Burawoy traz e pode suscitar. Espero, entretanto, que tenha sido um bom convite à sua leitura e ao aperfeiçoamento das pesquisas de campo marxistas; estas, imprescindíveis ao conhecimento e à atuação política revolucionária.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Ainda a teoria marxista da história

Vivek Chibber

A abolição da família monogâmica

Sergio Lessa

O (re)começo do marxismo althusseriano

Luiz Eduardo Motta

Lenin e a questão agrária

Ligia Osório

Entrevista com Domenico Losurdo

35